

ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO
ESCOLA MARECHAL CASTELLO BRANCO

Maj Inf FLÁVIO DE LACERDA DE OLIVEIRA

**Estudo sobre as lições aprendidas pelo Exército dos
EUA sobre o uso de blindados na Guerra do Vietnã e
suas possíveis aplicações para a modernização da
doutrina de Operações na Selva do Exército Brasileiro**



Rio de Janeiro
2020

Maj Inf FLÁVIO DE LACERDA DE OLIVEIRA

**Estudo sobre as lições aprendidas pelo Exército dos EUA
sobre o uso de blindados na Guerra do Vietnã e suas
possíveis aplicações para a modernização da doutrina de
Operações na Selva do Exército Brasileiro**

Projeto de pesquisa apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como pré-requisito para matrícula no Curso de Especialização em Ciências Militares, com ênfase em Defesa.

Orientador: Maj Cav Cleber Henrique Bernardes Simões

Rio de Janeiro

2020

O48e Oliveira, Flávio de Lacerda de

Estudo sobre as lições aprendidas pelo Exército dos EUA sobre o uso de blindados na Guerra do Vietnã e suas possíveis aplicações para a modernização da doutrina de Operações na Selva do Exército Brasileiro. / Flávio de Lacerda de Oliveira —2020.

37 f. : il. ; 30 cm.

Orientação: Cleber Henrique Bernardes Simões.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ciências Militares)—Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2020.

Bibliografia: f. 36-37.

1. GUERRA DO VIETNÃ. 2. TROPAS BLINDADAS. 3. OPERAÇÕES NA SELVA.
I. Título.

CDD 355.4

Maj Inf FLÁVIO DE LACERDA DE OLIVEIRA

**Estudo sobre as lições aprendidas pelo Exército dos EUA
sobre o uso de blindados na Guerra do Vietnã e suas
possíveis aplicações para a modernização da doutrina de
Operações na Selva do Exército Brasileiro**

Projeto de pesquisa apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como pré-requisito para matrícula no Curso de Especialização em Ciências Militares, com ênfase em Defesa.

Aprovado em de outubro de 2020.

COMISSÃO AVALIADORA

CLEBER HENRIQUE BERNARDES SIMÕES – Maj Cav - Presidente
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

ANDERSON LUIZ ALVES FIGUEIREDO – Maj Eng - Membro
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

CARLOS EURICO ALENCASTRO TEIXEIRA BRANDÃO – Maj Cav - Membro
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à Deus, pois não cai uma folha de uma árvore sem a Sua permissão.

À minha esposa, companheira de todas as horas, pela compreensão e apoio incondicional, o meu amor e reconhecimento.

Ao meu filho, pela alegria de todas as horas que me motivam a vencer cada desafio.

Ao meu orientador meus agradecimentos pela orientação segura e objetiva na realização deste trabalho.

A todos aqueles que direta ou indiretamente colaboraram para que este projeto fosse concluído.

“Senhor! Tu que ordenaste ao Guerreiro de Selva!
Sobrepujai todos os vossos oponentes!”
(Trecho da Oração do Guerreiro de Selva autoria de
Humberto Batista Leal)

RESUMO

A Guerra do Vietnã foi um importante evento no contexto da Guerra Fria acontecido na metade do século XX. O choque entre a grande potência capitalista e uma pequena nação no sudeste asiático, que lutava por sua independência e pela união de seu povo, transformou-se num marco na historiografia mundial. As rápidas transformações no contexto psicossocial e militar conduziram a Guerra para um desfecho interessante. O lado militarmente mais forte não foi o que conseguiu atingir os seus objetivos. Outros aspectos da estratégia e da relação entre os Estados fez com que o lado mais fraco conseguisse, ao final do processo, a unificação de seu território e a sua independência. Algo que não foi possível, por exemplo, na península coreana. A crescente preocupação da sociedade brasileira com a manutenção da integridade da região amazônica foi acompanhada por um esforço das Forças Armadas brasileiras, particularmente do Exército Brasileiro, em aumentar a sua presença naquela importante porção do país durante as últimas décadas. Apesar dos esforços em se obter uma doutrina própria e da Amazônia possuir características únicas, alguns ensinamentos colhidos no conflito do sudeste asiático não podem ser esquecidos e devem ser aproveitados. Neste sentido, o presente estudo teve por objetivo buscar na história militar exemplos de emprego de unidades blindadas em um ambiente operacional de selva, a fim de fornecer subsídios que auxiliem no desenvolvimento de uma doutrina adequada à realidade da Amazônia Brasileira. Assim sendo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica baseada em obras e publicações do Exército dos EUA e do Exército Brasileiro. Os resultados indicam que as unidades blindadas desempenharam relevante papel durante o Conflito no Vietnã e que, a elas, eram atribuídas as mais diversas missões. Constatou-se que as características típicas dos blindados, como o poder de fogo, a proteção blindada e a mobilidade continuaram a ser decisivas mesmo no ambiente hostil da selva, seja em operações defensivas, ofensivas, missões de segurança, de reconhecimento ou como força de reação. Foi possível, ainda, verificar que a aptidão ofensiva das tropas blindadas é válida também neste tipo de ambiente operacional, sendo que o Exército Brasileiro pode se valer dessas experiências no desenvolvimento de sua doutrina de Operações na selva.

Palavras-chave: Guerra do Vietnã, tropas blindadas e Operações na Selva.

ABSTRACT

The Vietnam War was an important event in the context of the Cold War that took place in the middle of the 20th century. The clash between the greatest capitalist power and a small nation in Southeast Asia, which was fighting for its independence and the unity of its people, became a landmark in world historiography. Rapid transformations in the psychosocial and military context led the War to an interesting outcome. The militarily stronger side was not the one that achieved its goals. Other aspects of the strategy and the relationship between the States made it possible to the weak side to achieve, at the end of the process, the unification of its territory and its independence. Something that was not possible, for example, on the Korean peninsula. The growing concern of Brazilian society with maintaining the integrity of the Amazon region was accompanied by an effort by the Brazilian Armed Forces, particularly the Brazilian Army, to increase its presence in that important portion of the country during the past decades. Despite efforts to obtain its own doctrine and the Amazon has unique characteristics, some lessons learned in the conflict in Southeast Asia cannot be forgotten and must be used. In this sense, the present study aimed to seek in military history examples of use of armored units in a jungle operating environment, in order to provide subsidies that assist in the development of a doctrine appropriate to the reality of the Brazilian Amazon. Therefore, a bibliographic search was carried out based on works and publications by the US Army and the Brazilian Army. The results indicate that armored units played an important role during the conflict in Vietnam and that they were assigned the most diverse missions. It was found that the typical characteristics of armored vehicles, such as firepower, armored protection and mobility, continued to be decisive even in the hostile environment of jungle, whether in defensive, offensive operations, security, reconnaissance missions or as a quick reaction force. It was also possible to verify that the offensive aptitude of armored troops is also valid in this type of operational environment, being that the Brazilian Army can use these experiences in the development of its own jungle operations doctrine.

Keywords: Vietnam War, armored troops and Jungle Operations.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	M113 em ação na Guerra do Vietnã.....	11
FIGURA 2	Evolução dos manuais de Operações na Selva do USARMY, de 1944 a 1969.....	18
FIGURA 3	Trabalhos da série <i>Vietnam Studies</i> e o <i>FM 90-5</i>	19
FIGURA 4	1ª Batalha de Ap Bau Bang.....	21
FIGURA 5	Blindado na guerra do Vietnam carregando a “tela RPG”	22
FIGURA 6	Ilustração de um carro de combate apoiando pelo fogo o ataque de tropa a pé.....	23
FIGURA 7	Trator D7 equipado com a lâmina para corte de árvores.....	24
FIGURA 8	Índice da IP72-1.....	27
FIGURA 9	Representação hipotética de eixos no sentido Marabá – Belém.....	29

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CIGS	Centro de Instrução de Guerra na Selva
CMH	<i>Center of Military History</i>
EB	Exército Brasileiro
END	Estratégia Nacional de Defesa
EUA	Estados Unidos da América
FM	<i>Field Manual</i>
HE	Hipótese de Emprego
IP	Instruções Provisórias
MEM	Meios de Emprego Militar
PRC	Poder Relativo de Combate
RPG	<i>Rocket Propelled Grenade</i>
TTP	Técnicas, táticas e procedimentos
USAJOTC	<i>Jungle Operations Training Center</i>
VBTP	Veículos blindados de transporte de pessoal

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	METODOLOGIA	16
3	OS PRINCIPAIS TRABALHOS SOBRE AO USO DE BLINDADOS PELO EXÉRCITO DOS EUA NA GUERRA DO VIETNÃ.....	17
4	O EXÉRCITO DOS EUA E O USO DE BLINDADOS EM AMBIENTE DE SELVA.....	20
4.1	O USO DE BLINDADOS EM OPERAÇÕES DEFENSIVAS.....	20
4.2	O USO DE BLINDADOS EM OPERAÇÕES OFENSIVAS.....	23
4.3	O USO DE BLINDADOS EM OUTROS TIPOS DE OPERAÇÕES.....	25
5	A AMAZÔNIA E AS OPERAÇÕES NA SELVA DO EXÉRCITO BRASILEIRO.....	26
5.1	A IP72-1 – OPERAÇÕES NA SELVA	26
6	AS LIÇÕES APRENDIDAS PELO EXÉRCITO DOS EUA SOBRE O USO DE BLINDADOS NA GUERRA DO VIETNÃ E AS OPORTUNIDADES DE APERFEIÇOAMENTO DAS IP 72 -1 OPERAÇÕES NA SELVA	31
7	CONCLUSÕES	33
	REFERÊNCIA	36

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda as lições aprendidas pelo exército dos EUA no uso de blindados na Guerra do Vietnã e como essas lições podem ser utilizadas pelo Exército Brasileiro.

A Guerra do Vietnã foi um longo conflito armado entre o Governo comunista do Vietnã do Norte contra o Vietnã do Sul e seu principal aliado, os Estados Unidos da América (EUA). Para o Exército dos Estados Unidos a Guerra do Vietnã representou um novo tipo de batalha, com novos armamentos e táticas contra um tipo diferente de inimigo. Em muitos aspectos, a área de combate sem definição de linhas de contato, com uma densa floresta em grande parte do território e conjugado com a utilização de táticas de guerrilha se tornou uma experiência sem precedentes na história daquele exército. Ao mesmo tempo, as inovações em termos de armamento e táticas prenunciavam o futuro do campo de batalha (*DEPARTMENT OF ARMY*, 2002, p. 15, tradução nossa).

A Guerra do Vietnã foi um campo de provas para carros de combate e veículos blindados de transporte de pessoal (VBTP). O VBTP M113, viatura utilizada pela infantaria blindada brasileira, teve seu batismo de fogo no sudeste asiático. As técnicas, táticas e procedimentos (TTP) na utilização desses e de outros meios blindados trouxeram muitas lições aprendidas e melhores práticas para o Exército Norte-americano rendendo frutos que seriam colhidos em conflitos futuros, em especial na Guerra do Golfo.

FIGURA 1 — M113 em ação na Guerra do Vietnã



Fonte: CMH PUB 90-17-1 The Mounted Combat in Vietnam, p. 108

No campo tático, o emprego de blindados favoreceu sobremaneira o Exército dos EUA. Do lado do Vietnã do Norte também observou-se o vasto emprego de viaturas blindadas, principalmente nas grandes ofensivas convencionais. As características do emprego de blindados na Guerra do Vietnã são muito parecidas com uma possível atuação na área da Amazônia Brasileira, o que aumenta a importância do estudo sobre essa guerra.

Ao mesmo tempo em que ocorria a Guerra do Vietnã, começaram a tomar novo corpo a doutrina de Operações na Selva do Brasil, as ações do Governo Brasileiro e das Forças Armadas brasileiras para a ocupação e integração da Amazônia.

Na segunda metade do século XX, foi criado o Centro de Instrução de Guerra na Selva (CIGS), com o Decreto Presidencial Nº53.649, de 2 de março de 1964, e o envio de uma equipe de militares ao *Jungle Operations Training Center (USAJOTC)*, no Panamá, para se tornarem os primeiros "*Jungle Experts*" brasileiros.

A finalidade daquele estabelecimento de ensino era capacitar militares latino-americanos no combate de contra insurgência, principalmente após a Revolução Cubana. O CIGS foi de grande importância na difusão e posterior consolidação da doutrina de Operações na Selva contra movimentos revolucionários, principalmente após o surgimento, combate e derrota da Guerrilha do Araguaia.

No mesmo contexto, o Exército Brasileiro aumentou a sua presença na região. Desde então, 6 (seis) Brigadas de Infantaria de Selva foram criadas ou transferidas para a área da Amazônia. A 1ª, 2ª e 16ª Bda Inf Mtz foram transferidas de Petrópolis-RJ, Niterói-RJ e Santo Ângelo-RS, respectivamente, e deixaram a denominação motorizada para se tornarem de Selva. A 17ª e 23ª Bda Inf SI foram criadas com base em núcleos militares preexistentes, a partir de 1970. A 22ª Bda Inf SI iniciou as suas operações a partir do ano de 2018.

Apesar de possuímos alguns dos Meios de Emprego Militar (MEM) utilizados na Guerra do Vietnã pelo Exército Norte-americano, ao observar a constituição das unidades do Comando Militar da Amazônia verifica-se que não existem unidades de viaturas blindadas de combate ou de transporte de pessoal sobre lagartas.

Há, porém, dois esquadrões de cavalaria. O 12º Esquadrão de Cavalaria Mecanizado, orgânico da 1ª Brigada de Infantaria de Selva e o 23º Esquadrão de Cavalaria de Selva, orgânico da 23ª Brigada de Infantaria de Selva. Ambas as unidades operam veículos blindados sobre rodas e atuam, basicamente, nas áreas

de campos gerais (um tipo de sub-região amazônica nominado pela IP 72-1), que não possuem as mesmas características e restrições para viaturas quando comparadas com a região de mata densa.

O fato de não possuímos unidades blindadas sobre lagartas na área pode ser atribuído a alguns fatores: a uma possível vocação inicial contraguerrilha das unidades de selva, ao simples fato de não se ter conseguido alterar a composição das brigadas motorizadas transferidas para a Amazônia, ou ao entendimento doutrinário de que é impossível o uso de blindados nas Operações na Selva.

Para aqueles que não conseguem visualizar o emprego de veículos blindados sobre lagartas em áreas de floresta, cabe alertarmos para o exemplo histórico ocorrido na Batalha da França, no início da 2ª Guerra Mundial (1939-1945). O Exército Francês julgava não ser possível para as pesadas divisões panzer alemãs atravessar a densa floresta das Ardenas. Os franceses acabaram derrotados quando as divisões blindadas alemãs saíram das Ardenas e entraram em território francês à retaguarda de seu exército.

A partir desses pontos, e voltando à experiência norte-americana no Vietnã, buscou-se solucionar o seguinte problema: em que medida as experiências colhidas sobre o uso de blindados pelo Exército dos Estado Unidos da América, na Guerra do Vietnã, podem ser aproveitadas para aperfeiçoar a doutrina brasileira de Operações na Selva?

Com a finalidade de conduzir o trabalho na direção da solução deste problema, definiu-se como objetivo geral a verificação da adequabilidade, praticabilidade e adaptabilidade pelo Exército Brasileiro das lições aprendidas pelo Exército dos EUA no uso de blindados na Guerra do Vietnã. Para tanto, teve-se como objetivos específicos:

- a) Apresentar os principais trabalhos sobre o uso de blindados pelo Exército dos EUA na Guerra do Vietnã.
- b) Identificar como o Exército dos EUA avalia as possibilidades e limitações dos blindados nas operações em ambiente de selva.
- c) Descrever os principais conceitos relativos às Operações na Selva do Exército Brasileiro.

- d) Concluir sobre como os ensinamentos colhidos pelo Exército dos EUA na Guerra do Vietnã podem contribuir para a atualização das IP 72 -1 Operações na Selva.

O contexto estudado será a participação de unidades blindadas do Exército dos EUA na Guerra do Vietnã, no período que estiveram efetivamente em combate no sudeste asiático.

Como ponto focal da pesquisa temos a contribuição para a Força Terrestre no que se refere à busca por manter a Doutrina Militar Terrestre atualizada, moderna e ajustada com as realidades dos contextos regional e internacional, embasando um tema cuja hipótese de emprego é prioritária no EB.

Os ensinamentos colhidos serão verificados quanto à aplicabilidade no ambiente operacional amazônico, mais precisamente na área de selva delimitada pelas IP 72-1 Operações na Selva.

O referencial teórico para o assunto foi a série *Vietnam Studies*, do Centro de História Militar do Exército dos EUA, o *FM 90-5 Jungle Operations (1982)* e a doutrina militar vigente, com ênfase para as Instruções Provisórias 72 -1 – Operações na Selva (1997), a Política Nacional de Defesa e a Estratégia Nacional de Defesa (2012) e a Estratégia Militar de Defesa (2006).

A Estratégia Nacional de Defesa (END) elenca a região amazônica como prioritária. Na mesma estratégia verificamos a diretriz de dissuadir a concentração de forças hostis nas fronteiras terrestres, estando preparados para combater.

A Guerra do Vietnã fornece importantes ensinamentos que podem ser utilizados pelo Exército Brasileiro, para aperfeiçoar a sua capacidade de combater em qualquer cenário de ameaças à Amazônia, ou dissuadir potenciais ameaças.

Estudos do Exército dos EUA apontam que as unidades blindadas que atuaram na Guerra do Vietnã formaram uma força poderosa, flexível e essencial para o êxito das operações militares (*DEPARTMENT OF THE ARMY*, 2002, p. VI. tradução nossa). De igual forma, esse emprego não seguiu os padrões normais verificados nas guerras da Coreia e na 2ª Guerra Mundial.

As características do emprego de blindados na guerra do Vietnã se assemelham muito a um possível emprego na região Norte do Brasil, o que pode favorecer a atualização da nossa doutrina.

O presente estudo limitou-se aos estudos do Exército dos EUA, sendo o foco, então, nas possibilidades e limitações no emprego dos blindados nas operações ofensivas e defensivas durante a Guerra do Vietnã. Buscou-se abordar, tão somente as conclusões dos estudos sobre as diferenças entre o emprego de blindados em terrenos ditos convencionais e o de selva, além dos aspectos mais relevantes do emprego desses meios durante a guerra.

Não se pretende, com o presente trabalho, esgotar o assunto em pauta, visto que o estudo da adequabilidade, praticabilidade e adaptabilidade do uso de blindados nas Operações na Selva carecerá de experiências práticas, principalmente nas questões logísticas. Estas só serão obtidas posteriormente, com a discussão e estudos mais aprofundados sobre o tema em pauta.

2 METODOLOGIA

A metodologia utilizada para embasar o presente estudo foi a qualitativa, onde a vivência do autor no ambiente operacional da Amazônia garante, segundo Neves e Domingues (2007) no Manual de Metodologia de Pesquisa Científica, a aproximação necessária do campo de trabalho. A metodologia foi, também, classificada como bibliográfica na medida em que a investigação sobre as lições aprendidas, a doutrina militar empregada pelo Exército dos EUA e a doutrina de Operações na Selva do Exército Brasileiro serão a fundamentação teórico-metodológica.

O universo do presente estudo é composto pelos principais manuais, trabalhos e publicações do Exército dos EUA e do Exército Brasileiro sobre a Guerra do Vietnã e a doutrina de Operações na Selva. As amostras foram do tipo não probabilística e classificadas como sendo por acessibilidade.

A coleta de material foi realizada por meio da literatura, realizando-se uma pesquisa bibliográfica no material disponível, tais como livros sobre a Guerra do Vietnã, manuais do Exército Brasileiro e dos EUA, revistas especializadas, jornais, artigos, monografias, teses e dissertações, tendo por base de consultas as bibliotecas da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército e da Escola Superior de Guerra; além da rede mundial de computadores.

Conforme o Manual de Elaboração de Projetos de Pesquisa da ECEME do Departamento de Pesquisa e Pós-graduação (ECEME, 2012), o método de tratamento de dados que foi utilizado no presente estudo foi a análise de conteúdo, no qual foram realizados estudos de textos para se obter a fundamentação teórica para se buscar entender, com profundidade, as características e condicionantes que delimitaram o emprego de blindados na Guerra do Vietnã, privilegiando os documentos históricos consolidados pelo Exército Norte-americano, seja na forma de relatório, seja na forma de manual.

A metodologia em questão possui limitações, particularmente, quanto à profundidade do estudo a ser realizado, pois não contempla, dentre outros aspectos, o estudo de campo e a entrevista com pessoas diretamente ligadas aos processos em análise. Porém, devido ao fato de se tratar de um trabalho de término de curso, a ser realizado em curto espaço de tempo, o método escolhido é adequado e possibilitará o alcance dos objetivos propostos no presente trabalho.

3 OS PRINCIPAIS TRABALHOS SOBRE AO USO DE BLINDADOS PELO EXÉRCITO DOS EUA NA GUERRA DO VIETNÃ

Os EUA embarcaram na Guerra do Vietnã ainda acreditando que não era uma guerra para a arma blindada. “*This is an infantry war*” era bradado pela liderança militar do Exército Norte-americano no início dos anos 60, segundo as palavras de Todd Armstrong no prefácio do livro *Armoured Warfare in the Vietnam War*.

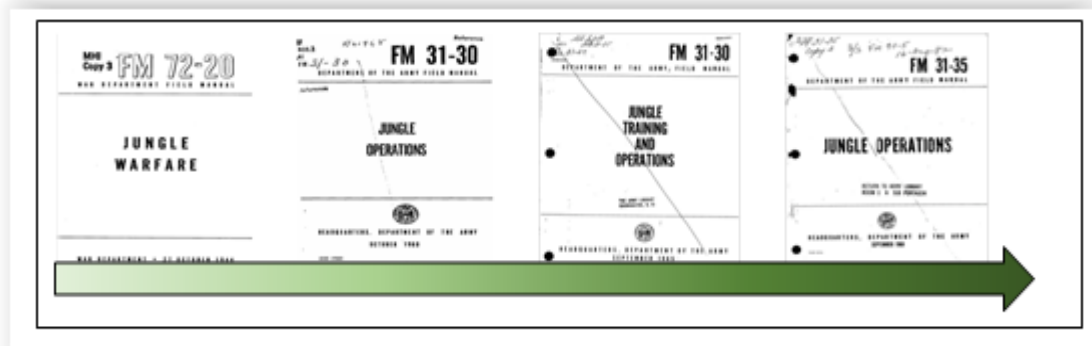
Porém, cabe destacar que desde a 2ª Guerra Mundial, na doutrina de Operações na Selva do Exército dos EUA, apresentada em seu *FM 72-20 Jungle Warfare*, de 1944, o uso de blindados como veículos de assalto às posições fortificadas e/ou em apoio à infantaria se faz presente.

Ao entrar na Guerra do Vietnã, o *FM 31-30 Jungle Training and Operations*, de 1960, foi a base para o início das operações. Em 1969, já durante a guerra, os conceitos de Operações na Selva foram atualizados e o *FM 31-35 Jungle Operations* passou a ser a referência doutrinária sobre o assunto.

Esse pequeno histórico sobre a evolução dos manuais de Operações na Selva do Exército Norte-americano foi para destacar dois aspectos. O primeiro e já mencionado, que o emprego de blindados nunca foi descartado na doutrina norte-americana, mas seu papel foi ganhando de importância à medida que os combates foram acontecendo e os meios blindados foram evoluindo. O segundo, a velocidade com que, durante a Guerra do Vietnã, os manuais foram sendo atualizados. Isso denota o impacto que a guerra teve na doutrina.

A doutrina de Operações na Selva durante a Guerra do Vietnã se baseou em 3 manuais. A busca sobre linhas doutrinárias que fundamentassem o emprego do Exército dos EUA em Operações na Selva foi incessante e não terminaram com o FM 31-35.

FIGURA 2 — Evolução dos manuais de Operações na Selva do USARMY, de 1944 a 1969.



Fonte: o autor.

Os estudos sobre as possibilidades e limitações dos blindados na Guerra do Vietnã começaram na década de 60, ainda durante a guerra. Mais tarde foi ordenado pelo *Chief of Staff* do Exército dos EUA que os trabalhos fossem sistematizados e ordenados na série *Vietnam Studies*, sendo o trabalho *The Mounted Combat in Vietnam*, escrito no *Fort Knox*, entre os anos de 1973 e 1976, por uma força-tarefa liderada pelo Major General Donn A. Starry (*DEPARTMENT OF ARMY*, 2002, p. iii).

O grupo de trabalho era composto de oficiais de alta patente que haviam servido em funções chave na Guerra do Vietnã, acumulando, assim, vasta experiência. Todos os trabalhos da série de *Vietnam Studies* foram baseados em relatórios oficiais, em trabalhos já publicados ou em andamento sobre o tema, além da própria experiência dos integrantes da força-tarefa, sendo toda a bibliografia base para os estudos arquivada no Centro de História Militar do Exército dos Estados Unidos (*DEPARTMENT OF ARMY*, 2002, p. iii).

Além do *CMH PUB 90-17-1 The Mounted Combat in Vietnam* este estudo irá considerar as observações sobre o emprego de blindados de outros dois trabalhos do Centro de História Militar do Exército dos Estados Unidos da mesma série *Vietnam Studies*, o *CMH PUB 90-21-1 Tactical and Materiel Innovations* e *CMH PUB 90-22 US Army Engineers 1965 -1970*.

FIGURA 3 — Trabalhos da série *Vietnam Studies* e o *FM 90-5*.

Fonte: o autor

Posterior à série *Vietnam Studies*, e fruto dessas lições aprendidas, o Exército dos Estados Unidos atualiza a sua doutrina de Operações na Selva, lançando, então, o *Field Manual (FM) 90-5 Jungle Operations* em 1982 e revogando o *FM 31-35 Jungle Operations*, de 1969.

Infere-se que o *FM 90-5 Jungle Operations* consolida os principais ensinamentos colhidos durante a Guerra do Vietnã. Não se pode deixar de destacar, porém, dois importantes aspectos. Primeiro, que se trata de um manual de campanha. Segundo, que é a mais atual publicação sobre Operações na Selva do Exército dos EUA, sendo sua edição atual datada de 16 de agosto de 1982.

4 O EXÉRCITO DOS EUA E O USO DE BLINDADOS EM AMBIENTE DE SELVA

Ao longo da Guerra do Vietnã o papel das forças blindadas nas diversas batalhas e operações mudaram a percepção das lideranças do Exército Norte-americano sobre as possibilidades e limitação de carros de combate e de veículos blindados de infantaria. Neste segmento abordaremos essas possibilidades e limitações conforme descritas nos trabalhos da série *The Vietnam Studies* citados no capítulo anterior e no *FM 90-5 Jungle Operation*.

4.1 O USO DE BLINDADOS EM OPERAÇÕES DEFENSIVAS

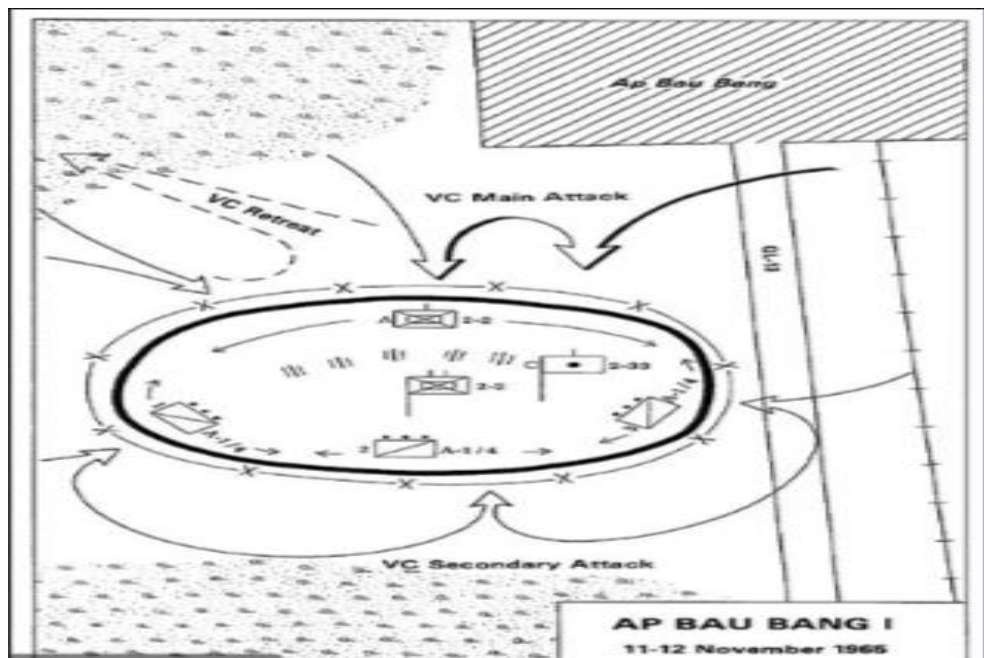
Segundo a obra *CMH PUB 90-17-1 The Mounted Combat in Vietnam* os blindados do Exército do Vietnã do Sul e do Exército Norte-americano foram de fundamental importância para derrotar o Vietnã do Norte durante a ofensiva do TET, de 1968. As forças blindadas demonstraram alta mobilidade, poder de fogo e proteção blindada cobrindo longas faixas de terreno de forma rápida e em muitos casos revertendo prováveis desastres. Os rápidos deslocamentos das forças blindadas foram de vital importância na defesa quando das primeiras fases do ataque do Vietnã do Norte. Apesar da vitória final ter sido um esforço conjunto de todas as forças, o estudo aponta como de vital importância o papel desempenhado pelas forças blindadas como grandes forças de contra-ataque.

Na cidade de Hue, antiga capital do Vietnã, se deu a batalha mais longa da Ofensiva do TET, durando 26 dias de combates intensos em densa área urbanizada. Especial destaque foi dado à proteção blindada, sendo relatado que alguns dos carros de combate engajados nos combates foram atingidos por mais de 15 disparos de RPG sem serem neutralizados (*DEPARTMENT OF ARMY*, 2002, p. 116).

Ainda, no estudo em questão, os veículos blindados propiciaram excepcional vantagem quando empregados na defesa de pontos fortes. Além de facilitarem o comando e controle, pelo uso de seus meios de comunicações, e de adicionar capacidades como a visão noturna, os blindados agregam em proteção blindada para a tropa estacionada, grande poder de fogo para suprimir o inimigo e elevada mobilidade para realizarem contra-ataques ou mudanças de posição para fortalecer a defensiva.

Como exemplo, iremos citar a primeira batalha de *Ap Bau Bang*. Em novembro de 1965, uma força-tarefa valor subunidade de tropas da 1ª Divisão de Infantaria, compostas por elementos de infantaria blindada, cavalaria e artilharia foram atacados em sua posição quando em apoio à uma operação perto da localidade de Ap Bau Bang. As viaturas blindadas provaram a sua importância na realização de contra-ataques e na ocupação de brechas no dispositivo defensivo. O resultado final de 198 *vietcongs* mortos, contra 9 soldados norte-americanos denota a capacidade do poder de fogo e da proteção blindada fornecido pelos meios blindados (*DEPARTAMENT OF ARMY*, 2002, p. 60).

FIGURA 4 — 1ª Batalha de Ap Bau Bang



Fonte: CMH PUB 90-17-1 *The Mounted Combat in Vietnam*

O *FM 90-5 Jungle Operations* estabelece que os carros de combate são usados em operações defensivas em ambiente de selva, da mesma forma que nos demais ambientes. Eles adicionam significativo poder de fogo no combate defensivo aproximado e servem como uma eficiente força de contra-ataque (*DEPARTAMENT OF ARMY*, 1982, p. 6-6).

Na defesa em posição, os carros de combate devem ser posicionados para bloquear vias de acesso de blindados inimigos, mover-se para rapidamente preencher lacunas no dispositivo defensivo e fornecer apoio de fogo contra os carros de combate inimigos.

Os demais veículos blindados seguem a mesma regra descrita para os carros de combate. Pouco tem alterado o seu papel em uma posição defensiva, seja na selva, seja em outro ambiente operacional.

No que tange às limitações, o *FM 90-5 Jungle Operations*, destaca a vulnerabilidade dos carros de combate às infiltrações inimigas e ao uso em curta distância de armamento anticarro. Para fazer frente a essas ameaças algumas medidas simples foram adotadas. Os carros de combate e os blindados transportavam rolos de concertina e de cercas de arame (*hurricane fences*), que passou a ser chamada pelos soldados de “tela de RPG” (em alusão ao armamento anticarro *Rocket Propelled Grenade* ou RPG). As concertinas eram dispostas a frente da posição, como forma de dificultar a aproximação e a visada direta para os blindados, enquanto a cerca era colocada ao redor do veículo de forma a provocar a detonação prematura da cabeça de guerra do armamento anticarro (*DEPARTMENT OF ARMY*, 1982, p. 6-7).

FIGURA 5 — Blindado na guerra do Vietnam carregando a “tela RPG”



ARMORED CAVALRY ASSAULT VEHICLES WITH RPG SCREENS ON FRONT

Fonte: *CMH Pub 90-21-1 Tactical and Materiel Innovations*, p.109

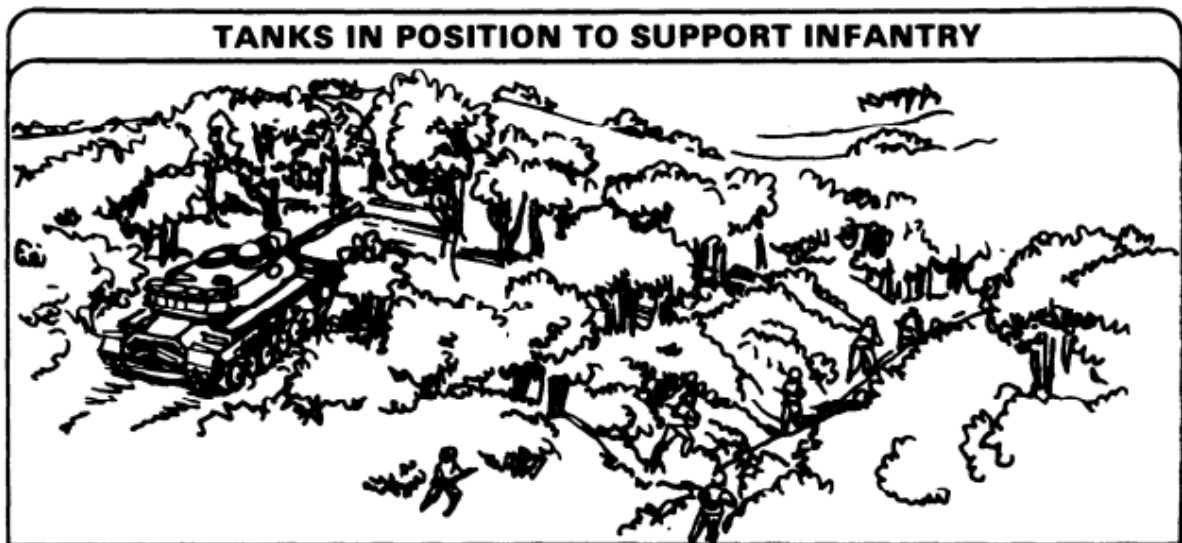
Com relação aos movimentos retrógrados, o *FM 90-5*, destaca que os movimentos retrógrados são executados em ambiente de selva, quase que da

mesma maneira que nos demais ambientes operacionais, com a diferença que os blindados retraem antes das tropas a pé (*DEPARTAMENT OF ARMY*, 1982, p. 6-6).

4.2 O USO DE BLINDADOS EM OPERAÇÕES OFENSIVAS

Segundo o *FM 90-5 Jungle Operations*, quando o assunto são as operações ofensivas, o fato da mobilidade dos carros de combate e dos veículos blindados sofrerem restrições por conta do terreno, esses meios são usados de forma diferente de como seriam usados em um terreno dito convencional. Ao invés de rápidos envoltos e penetrações, os veículos blindados são usados prioritariamente em apoio de fogo para a infantaria (*DEPARTAMENT OF ARMY*, 1982, p. 6-5).

FIGURA 6 — Ilustração de um carro de combate apoiando pelo fogo o ataque de tropa a pé.



Fonte: *FM 90-5 Jungle Operations*, p. 6-6

Ainda segundo o mesmo manual, os carros de combate e os blindados em geral são extremamente eficientes na condução de marchas para o combate e reconhecimento em força em ambiente de selva. Em um ataque, podem usar suas metralhadoras e canhões para neutralizar o oponente, obter a supremacia de fogos, abrir campos de tiro pela selva e destruir posições fortificadas.

Ressalvas são feitas ao reduzido espaço para manobra e os campos de tiro e de visão, dificultando algumas técnicas de movimento, e aconselha o uso de meios aéreos para aumentar a segurança e a proteção da tropa blindada.

Ainda nas limitações, o *FM 90-5* traz algumas considerações sobre outros aspectos que restringem o uso de blindados em ambiente de selva.

Com relação à vegetação, áreas de floresta densa, onde os troncos das árvores são mais grossos e muito próximos uns dos outros, bem como as áreas de igapó, mangue e similares, dificultam a progressão, necessitando, a priori, de apoio de engenharia. O mesmo é observado em grandes áreas de bambu.

Com relação ao relevo e o clima, destaca a existência de grandes porções de solo macio que, devido ao regime de chuvas, podem se transformar em terreno restritivo e ou impeditivo. Destaca, também, a quantidade de cursos d'água que "cortam" o terreno, transformando-se em obstáculos (*DEPARTMENT OF ARMY, 1982, p. 6-5 a 6-7*).

O *CMH Pub 90-21-1 Tactical and Materiel Innovations* ressalta que as limitações da vegetação, do terreno e do clima serão maiores ou menores de acordo com o tipo de blindado que estiver operando. Na Guerra do Vietnã, um *M48 Patton Tank* se comparado com um *M551 General Sheridan*, tinha uma excepcional capacidade de abrir seu próprio caminho pela vegetação. Por outro lado, devido a seu peso, quando ficava preso em algum atoleiro só conseguia ser retirado com apoio da engenharia (*DEPARTMENT OF ARMY, 2002, p. 111*).

Sobre o apoio de engenharia para facilitar a mobilidade, o *CMH Pub 90-22* destaca que foi introduzido junto ao trator D7, uma lâmina adaptada para o corte de árvores, fabricada pela companhia Rome, da Geórgia, EUA. Esse implemento trouxe grande eficiência na abertura de vias de acesso no interior da mata densa (*DEPARTMENT OF ARMY, 2002, p. 112*)

FIGURA 7 — Trator D7 equipado com a lâmina para corte de árvores



ROME PLOW AT WORK

Fonte: *CMH Pub 90-22 -US Army Engineers, p.112*

O CMH Pub 90-17-1 traz o relato de uma grande operação ofensiva onde os blindados foram preponderantes para o sucesso da operação. Foi a Operação Cedar Falls, ocorrida numa região de floresta densa e que devido a sua conformação geográfica e as fortes defesas implementadas era conhecida como o triângulo de ferro. A operação Cedar Falls foi um sucesso do ponto de vista tático e foi considerada um divisor de águas nas operações militares americanas, mas resultou na derrubada de mais de 23 km quadrados de floresta. (*DEPARTMENT OF ARMY*, 2002, p. 91).

A área do triângulo de ferro foi isolada por forças blindadas e aeromóveis, depois aconteceu o investimento no dispositivo dividindo a área em duas. Em seguida cada porção foi alvo de varredura para localização e destruição do inimigo. As forças-tarefas que executaram a ação principal eram compostas por carros de combate, veículos blindados de apoios e mais de 54 viaturas de engenharia sobre lagartas com implementos diversos, dentre eles o *Rome Plow*.

4.3 O USO DE BLINDADOS EM OUTROS TIPOS DE OPERAÇÕES

A Guerra na Selva se caracteriza pela dificuldade em se estabelecer uma linha que divide o que é território dominado pelo inimigo e o que é território dominado pelas forças amigas. Neste contexto, os eixos de suprimento, durante a Guerra do Vietnã, foram alvos constantes de ações do inimigo, como emboscadas e a colocação de minas.

Segundo o *FM 90-5*, as força-tarefa carros de combate e veículos blindados se mostraram uma eficiente força para executar ações que garantissem a segurança dos eixos de suprimento, na escolta de grandes comboios e na execução de incursões ou operações de junção com uma tropa aeromóvel em território onde o risco de ação do inimigo era maior.

Carros de combate e viaturas blindadas de infantaria em geral foram essenciais no apoio e proteção dos eixos de comunicação, na desobstrução e segurança de vias e na escolta de comboios. Em muitas das ocasiões, o transporte de suprimento para a tropa apoiada era embarcado nas VBTP M113. (*DEPARTMENT OF ARMY*, 1982, p. 6-9 a 6-15).

5 A AMAZÔNIA E AS OPERAÇÕES NA SELVA DO EXÉRCITO BRASILEIRO

A região amazônica é possuidora de grandes reservas minerais, vegetais e de água doce. A delimitação de terras indígenas, a questão das queimadas, da preservação do meio ambiente e da biodiversidade, a massiva presença de ONGs, contribuem para que a Amazônia seja um tema importante e controverso da agenda mundial.

Conforme noticiado no site do jornal Folha de São Paulo, no dia 26 de agosto de 2019, o presidente francês *Emmanuel Macron* falou abertamente sobre a possibilidade de internacionalização da Amazônia e levou o debate para a reunião do G7. Tal internacionalização seria uma afronta à soberania dos países da região e poderia acarretar um conflito armado.

Para tanto, as Forças Armadas Brasileiras devem estar preparadas para agir de acordo com algumas hipóteses de emprego relacionadas à Amazônia, onde certamente deveríamos defender a soberania, com a preservação da integridade territorial, do patrimônio e dos interesses nacionais relativos àquela região.

Para a hipótese de defesa da soberania contra um oponente de poder militar incontestavelmente superior, no ano de 2019, foi lançado um novo manual sobre o combate de resistência e simpósios e estudos sobre o tema são conduzidos anualmente. A variante 1 define a hipótese contra oponente de poder militar semelhante ou inferior e é nessa variante que a IP72-1 - Operações na Selva, mais se aplica.

5.1 A IP72-1 – OPERAÇÕES NA SELVA

As Instruções Provisórias 72-1 Operações na Selva são datadas de 1997 e se dividem em 10 capítulos, conforme figura a seguir:

FIGURA 8 — Índice da IP72-1

ÍNDICE DOS ASSUNTOS		
	Prf	Pag
CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO	1-1 a 1-3	1-1 e 1-2
CAPÍTULO 2 - AMBIENTE OPERACIONAL	2-1 a 2-6	2-1 a 2-11
CAPÍTULO 3 - CARACTERÍSTICAS DAS OPERAÇÕES NA SELVA	3-1 a 3-10	3-1 a 3-18
CAPÍTULO 4 - ATUAÇÃO DAS FORÇAS SINGULARES NO CONTEXTO DAS OPERAÇÕES MILITARES NA AMAZÔNIA	4-1 a 4-3	4-1 a 4-5
CAPÍTULO 5 - OPERAÇÕES OFENSIVAS	5-1 a 5-5	5-1 a 5-10
CAPÍTULO 6 - OPERAÇÕES DEFENSIVAS	6-1 a 6-3	6-1 a 6-6
CAPÍTULO 7 - OPERAÇÕES RIBEIRINHAS	7-1 a 7-6	7-1 a 7-8
CAPÍTULO 8 - APOIO AO COMBATE	8-1 a 8-4	8-1 a 8-7
CAPÍTULO 9 - APOIO LOGÍSTICO	9-1 a 9-3	9-1 a 9-8
CAPÍTULO 10 - ÁREA DE CONFLITO	10-1 a 10-3	10-1 a 10-6

Fonte: IP 72-1

Após uma introdução e caracterização das Operações na Selva, as IP 72-1 abordam como deve ser emprego das Forças Armadas no ambiente operacional amazônico e começam a descrever as características das operações ofensivas e defensivas em ambiente de selva nos seus capítulos 5 e 6, respectivamente.

As IP 72-1 definem que os acidentes capitais de maior relevância nas operações na selva serão as cidades, as vilas e os povoados.

Utilizando o exemplo do Estado do Amazonas, os municípios que mais caracterizam a sua importância como acidentes capitais, possuem mais de 50 mil habitantes. Sendo que 3 possuem mais de 100 mil habitantes (Manaus, Parintins e Itacoatiara) e a cidade de Manaus possui mais de 2 milhões de habitantes.

Se traçarmos um eixo entre a cidade de Marabá-PA, sede da 23ª Bda Inf SI e Belém -PA, sede do Comando Militar do Norte, pela BR 150, encontraremos ao menos 3 municípios com mais de 100 mil habitantes ao longo do percurso: Tailândia-PA, Abaetuba-PA e Barcarena-PA. Sem contar a cidade de Marabá-PA, com mais de 200 mil habitantes e a cidade de Belém-PA que conta com mais de 1 milhão de habitantes.

Fazendo o paralelo com a Guerra do Vietnã, esses acidentes capitais se assemelham às cidades vietnamitas que nas grandes ofensivas convencionais, como a do TET, foram objetivos atacados e defendidos com o emprego de blindados.

Porém, em nenhum momento nas IP 72-1 é feita referência ao uso de blindados, seja os blindados sobre rodas existentes na 1ª e 23ª Bda Inf SI, seja os blindados sobre lagartas, orgânicos de Grandes Unidades que poderiam ser

adjudicadas para a região. Além destes, outros aspectos das IP 72-1 carecem de melhores esclarecimentos.

No capítulo 6, Operações Defensivas, as IP 72-1 definem que as características do ambiente operacional afetam de forma significativa o planejamento das operações defensivas. Para a defesa de área, a organização linear tradicional dividida em área de segurança, área de defesa avançada e área de reserva não é comumente executada, mas admite-se que em situações excepcionais poderá ser empregada. O mais comum é a adoção de vários dispositivos circulares:

A posição defensiva será então o somatório de posições que bloqueiem os eixos de aproximação e que permitam, como já foi visto, a defesa em todas as direções, são os chamados **pontos fortes**. (...) Os pontos fortes de maior importância **deverão estar sobre as localidades**, pois estas oferecem no seu interior, instalações e obstáculos proporcionados pelas construções e, na parte externa, campos de tiro e observação ocasionados pelo desmatamento. (BRASIL, 1997b, p. 6-2, grifo nosso)

Pela própria caracterização de acidente capital, apesar de realmente ser mais difícil realizar a defesa linear aos moldes dos terrenos convencionais, infere-se que não há grandes diferenças entre planejar a defesa de uma localidade na região Sudeste, para o planejamento da defesa de uma localidade na região Norte.

Deve-se, portanto, raciocinar com o emprego de viaturas blindadas, no planejamento das operações no interior das localidades, conforme descrito no EB 70-MC-10.303- Operações em Área Edificada.

No capítulo 5, Operações Ofensivas, as instruções provisórias definem que as operações ofensivas se desenvolvem apoiadas em eixos terrestres e fluviais:

As operações ofensivas, em área de selva, desenvolvem-se apoiadas em um ou mais eixos caracterizados por uma **via de transporte terrestre** ou aquática. A seleção de meios de transporte fluviais e terrestres deverá considerar como fator importante a situação aérea vigente. (BRASIL, 1997b, p. 5-1, grifo nosso)

Prosseguindo no capítulo, teremos a abordagem dos 5 tipos de operações ofensivas: marcha para o combate, reconhecimento em força, ataque, aproveitamento do êxito e perseguição.

As instruções relativas à marcha para o combate definem que a mesma pode ocorrer ao longo de um eixo fluvial, rodoviário ou através selva. As instruções

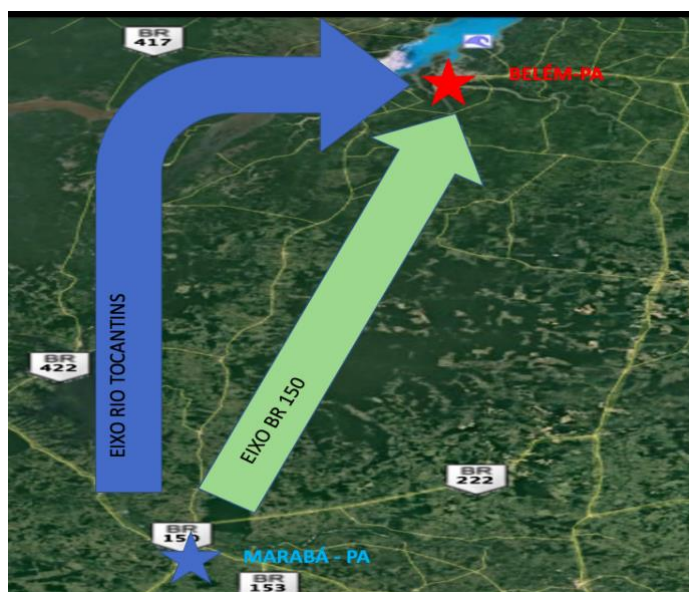
provisórias dão a entender que a tropa em um eixo rodoviário estará embarcada, e define algumas situações para o desembarque:

A proximidade da floresta em relação às margens dos rios, ou das **margens das rodovias**, trará o dilema ao Cmt de colocar uma flanco-guarda através selva e reduzir a velocidade de progressão à do homem na selva, ou deslocar a tropa sem esta força de proteção. Para solucionar este problema poderá ser adotada a técnica para deslocamento em área sob controle do inimigo. Nos pontos julgados de maior risco, a **tropa desembarca** elementos de segurança que realizam um vasculhamento e ocupam as margens do eixo até a passagem de todo o grosso. Outra consideração importante no planejamento da articulação da força que executa a marcha é quanto à existência ou não de **uma força de cobertura**. (BRASIL, 1997b, p. 5-2, grifo nosso).

A IP 72 -1 não deixa claro quais os meios terrestres estariam sendo utilizados na marcha para o combate em um eixo rodoviário. Tais aspectos deveriam ser mais detalhados.

Imaginemos a 23ª Bda Inf SI realizando uma marcha para o combate no sentido sul-norte em direção à Belém-PA, para a reconquista de acidentes capitais que lhe forneçam controle sobre a foz do rio Amazonas. Como seria composta a força de cobertura (F Cob)? Ou não se articularia uma F Cob? Se deslocaria uma brigada blindada ou de cavalaria mecanizada para atuar na região? Como seria o emprego de tais meios em ambiente de selva?

FIGURA 9 — representação hipotética de eixos no sentido Marabá – Belém



Fonte: o autor

Na parte que aborda o ataque, as IP 72-1 apresentam outros pontos onde são necessários maiores esclarecimentos.

Nas operações ofensivas, o ataque coordenado poderá ser realizado na medida em que a **importância do objetivo** a ser conquistado e a tropa nele disposta for de tal vulto que justifique o emprego centralizado dos meios. Normalmente ele será conduzido à luz do dia. **É de difícil execução para escalões maiores que batalhão**, pois a coordenação da manobra e do apoio de fogo fica, muitas vezes, prejudicada pelas restrições impostas pela selva. (BRASIL, 1997b, p. 5-5, grifo nosso).

Se voltarmos aos conceitos de acidente capital, um objetivo de considerável importância será, via de regra, uma localidade. Segundo o manual EB 70-MC-10.303 em sua página 3-12 define que a frente de uma unidade no ataque é de 2 a 4 quadras em uma localidade. Pelos fatos expostos até o momento, infere-se que há a necessidade de rever os pressupostos das IP 72- 1 e pensar como uma brigada ou divisão de exército realizariam um ataque coordenado em ambiente de selva, além de considerar o emprego de meios blindados para aumentar o Poder Relativo de Combate (PRC) das tropas que realizam um ataque (BRASIL, 2018, p. 3-12).

6 AS LIÇÕES APRENDIDAS PELO EXÉRCITO DOS EUA SOBRE O USO DE BLINDADOS NA GUERRA DO VIETNÃ E AS OPORTUNIDADES DE APERFEIÇOAMENTO DAS IP 72 -1 OPERAÇÕES NA SELVA

A primeira grande lição do Exército dos EUA sobre a Guerra do Vietnã foi que o conceito de que era uma guerra para a infantaria (*"This is an infantry war"*), devido as restrições impostas pelo terreno, não significava que era uma guerra exclusiva para a infantaria.

Nas ações ofensivas, o poder de fogo e a proteção blindada desequilibraram os combates e produziram sucesso no nível tático. Nas operações defensivas, a ação de choque foi o pilar que sustentou os dispositivos defensivos, salvou vidas e evitou derrotas humilhantes.

O exemplo da 1ª batalha Ap Bau Bang, onde tropas norte-americanas resistiram a um forte ataque de *vietcongs*, sofrendo somente 09 baixas e causando 198 baixas no oponente, deve ser levado em consideração e o resultado deve ser imputado à presença de meios blindado na posição defensiva.

O *FM 90 -5 Jungle Operations* traz conceitos interessantes sobre as Operações na Selva e sobre o uso de blindados neste tipo de operação. Como já dito, infere-se que o mesmo consolida os principais ensinamentos da série *The Vietnam Studies* em um manual de campanha.

O referido manual possui duas seções com orientações gerais sobre o uso de carros de combate e veículos blindados em operações ofensivas, defensivas e outras operações. Aponta as possibilidades e limitações, orienta sobre como mitigar as limitações e potencializar as possibilidades.

Como afirmado no capítulo anterior, as IP 72 -1- Operações na Selva possuem alguns pontos que necessitam de melhores esclarecimentos. A adoção de alguns conceitos existentes no *FM 90 – 5* poderia resolver essas questões, principalmente no emprego de meios blindados nas Operações na Selva, sem, contudo, esgotar o assunto.

Cabe pontuar que a evolução dos meios blindados nos dias atuais, produzem novas capacidades que devem ser consideradas quanto ao emprego tático dos blindados em ambiente de selva. Há, portanto, a necessidade de se adaptar os conceitos existentes no *FM 90-5* à realidade dos meios existentes no Exército Brasileiro e às características da Amazônia Brasileira. Mas vale ressaltar que a

existência de blindados mais modernos do que os existentes na década de 1970, vai resultar em mais capacidade e no aumento de relevância de seu emprego, não o contrário.

Neste viés, observa-se a fabricante de equipamentos militares chinesa NORINCO lançando um carro de combate principal leve, o VT-5, com um novo sistema de proteção ativa, algo que aparentemente realiza a proteção contra os projéteis anticarro disparados contra o blindado, uma “evolução” das telas de RPG. Chama a atenção a descrição do VT-5 encontrado no site brasileiro Forças Terrestres, mas que foi traduzido do site em inglês da fabricante NORINCO:

O objetivo do tanque leve é operar em lugares onde os tanques de batalha normais não poderiam chegar facilmente, como **florestas densas**, desertos, redes de água, campos de arroz e planaltos, disse a CCTV citando um desenvolvedor do VT-5, a NORINCO. (FORTE, 2019)

Conclui-se, portanto, que as experiências colhidas pelo uso de blindados pelo Exército dos EUA durante a Guerra do Vietnã, estudadas na série *The Vietnam Studies* e com os principais ensinamentos consolidados no *FM 90-5 Jungle Operations*, são de suma importância em um processo de revisão para transformar em manual as IP 72-1 Operações na Selva, por se tratar da mais atual experiência de combate, em ambiente de selva, existente na historiografia militar.

7 CONCLUSÕES

A Guerra do Vietnã representou e ainda representa um marco na história mundial. O fato dos EUA, uma superpotência, não terem conseguido atingir o seu objetivo político, apesar de terem empregado seu poderio militar quase que na plenitude, leva a reflexões e estudos sobre essa guerra.

Por outro lado, o êxito do Vietnã do Norte em resistir ao poderio militar norte-americano, incontestavelmente superior ao seu, e em atingir seu objetivo de conquistar o Vietnã do Sul e unificar o seu país, também levou o mundo a refletir sobre as condicionantes que levaram esse pequeno país ao sucesso.

Porém, apesar de no campo político-estratégico, ao final do conflito, termos testemunhado o êxito do Vietnã do Norte, no campo tático, não podemos julgar que a experiência norte-americana tenha sido de total fracasso. As Forças Armadas dos EUA aproveitaram as experiências da Guerra do Vietnã, consolidaram suas lições aprendidas e se aperfeiçoaram.

É com base nessas experiências que este trabalho se desenvolveu. Os fracassos e os êxitos das Forças Armadas dos EUA, particularmente do seu exército, consolidados por meio de rigorosos e sérios estudos que tinham como único objetivo melhorar sua doutrina e seus processos, nos servem como base para nosso próprio aperfeiçoamento e devem ser mais explorados.

A Guerra do Vietnã foi um novo e desafiador campo de prova para as tropas blindadas. Não se viu, como na 2ª Guerra Mundial, rápidos envolvimento e penetrações no dispositivo inimigo, já que o terreno não permitia esses tipos de manobra. Porém, as tropas blindadas foram essenciais em apoio de fogo direto e proteção.

Os estudos norte-americanos sobre o uso de blindados na Guerra do Vietnã concluem que nas operações ofensivas, os carros de combate e os veículos blindados de infantaria, são essenciais para a realização de marchas para o combate através estradas fornecendo proteção blindada e apoio de fogo direto, tanto dos canhões, quanto das metralhadoras.

Com relação à defensiva, os mesmos estudos identificam que os blindados de cavalaria e de infantaria são empregados basicamente como se estivessem em um terreno aberto convencional. Bloqueiam as vias de acesso mais prováveis para os blindados inimigos, fornecem apoio de fogo direto contra pessoal e veículos e

podem rapidamente contra-atacar. Durante a Guerra do Vietnã, ressalvas quanto ao uso de blindados sugeriram pelas possibilidades do inimigo que, utilizando-se da cobertura vegetal, era capaz de se aproximar mais das posições defensivas e se utilizar de lança-rojões para neutraliza-los. Contudo, esses problemas foram facilmente solucionados com o correto posicionamento das tropas desembarcadas e a utilização de TTP simples, como o emprego de telas de proteção (*hurricane fences*) ao redor dos veículos.

As conclusões dos trabalhos norte-americanos apontam, também, que carros de combate e viaturas blindadas de infantaria em geral foram essenciais no apoio e proteção dos eixos de comunicação, na desobstrução e segurança de vias e na escolta de comboios. Muitas das vezes, foram os próprios M113 que transportaram os suprimentos para a tropa apoiada.

Os trabalhos do Exército dos EUA destacam o importante papel das forças blindadas quando em reserva e compondo forças de reação nos diversos níveis. A mobilidade, a proteção blindada e o poder de fogo, segundo os referidos trabalhos, foram essenciais para derrotar as tropas norte-vietnamitas durante a ofensiva do *TET*, de 1968.

Essas conclusões merecem especial destaque, pois, apesar da patente perda de mobilidade em operações ofensivas, devido às limitações impostas pelo terreno, os estudos concluem que nos demais tipos de operações, as tropas blindadas possuem praticamente as mesmas possibilidades e limitações doutrinárias do terreno dito convencional.

Nesse sentido, ao analisar a IP 72-1 Operações na Selva, verifica-se em seus capítulos a não exploração das possibilidades e limitações do emprego de blindados em suas premissas doutrinárias como forma de aumentar o poder relativo de combate das tropas de selva. Tal fato gera a perda de eficiência do Exército Brasileiro em atuar e vencer uma possível guerra em ambiente amazônico dentro das HE.

Sugere-se, portanto, que as Instruções Provisórias 72-1 sejam atualizadas, particularmente nos capítulos 5 e 6, no sentido de acrescentar o emprego das tropas blindadas nos diversos tipos de operações, tendo como base a experiência norte-americana.

Nunca é demais ressaltar que estamos falando de uma área de responsabilidade para as Força Armadas Brasileiras equivalente à área da Europa

Ocidental. Tal área, pela imensidão e importância, deve ser foco de desenvolvimento doutrinário constante, sem se olvidar da busca de soluções brasileiras como respostas aos seus desafios.

Neste contexto, sugere-se que, desde já sejam conduzidos estudos e levantamentos especializados capazes de determinar as condições de trafegabilidade dos diversos tipos de terreno na região amazônica para os meios blindados, bem como das vias de acesso para os principais acidentes capitais, visando o ataque e a defesa desses pontos.

Ainda, a exemplo do lançamento do VT-5 chinês, recomenda-se, a preocupação com a temática do emprego dos blindados na imensidão amazônica quando das discussões do projeto Nova Couraça, aprovado pela portaria 028 do Estado-Maior do Exército, em 12 de fevereiro de 2020 (BRASIL, 2020).

Por derradeiro, não podemos esquecer o quão a experiência do Vietnã foi dolorosa para a Nação Norte-americana. Estudar a Guerra do Vietnã é uma importante ferramenta de aprendizado. Aprender com os erros e com os acertos cometidos pelos EUA no sudeste asiático pode ser a diferença entre a vitória e a derrota em um quadro de guerra na selva. As palavras do *Command Sgt. Maj. Wade P. Hampton* publicadas no *NCO Journal*, de 11 de maio de 2018 sobre a importância do estudo da história militar servem para nossa reflexão:

(...)Learning from your mistakes can be a painful process. Learning from the mistakes of others is painless and easy. (...)The most important part of the study of history is applying lessons learned. This help us avoid past mistakes and precludes us from trying things that have not been proven by our experiences. (HAMPTON, 2018).

REFERÊNCIA

- BRASIL. Estado Maior do Exército. Comando de Operações Terrestres. **IP 72-7/10**: A Companhia de Fuzileiros de Selva. Brasília, DF, 2003a.
- _____. _____. **C 100-5**: Operações. Brasília, DF, 2000.
- _____. _____. **IP 72-1**: Operações na Selva. Brasília, DF, 1997a.
- _____. _____. **IP 72-20**: O Batalhão de Infantaria de Selva. Brasília, DF, 1997d.
- _____. _____. **IP 100-3**: Bases para a Modernização da Doutrina de Emprego da Força Terrestre (Doutrina Gama). Brasília, DF, 1997e.
- _____. _____. **EB20-RO-04.060**: Requisitos Operacionais VBC CC Corrente. Brasília, DF, 2020.
- _____. Ministério da Defesa. **Estratégia nacional de defesa**: Paz e Segurança para o Brasil. 2. ed. Brasília, DF, 2007.
- _____. _____. Exército Brasileiro. Comando de Operações Terrestre. EB 70-MC-10.303: Operações em Área Edificada. Brasília, DF, 2018.
- Departamento de Pesquisa e Pós-graduação (Exército). **Manual de Elaboração de Projetos de Pesquisa na ECEME**. Rio de Janeiro: ECEME, 2012.
- DEPARTMENT OF THE ARMY. **FM 31-30**: Jungle Operations. Washington, EUA: 1960.
- _____. **FM 31-30**: Jungle Training and Operations. Washington, EUA: 1965.
- _____. **FM 31-35**: Jungle Operations. Washington, EUA: 1969.
- _____. **FM 90-5**: Jungle Operations. Washington, EUA: 1982.
- _____. Vietnam Studies. **CMH-PUB 90-17-1**: Mounted Combat in Vietnam. Washington, EUA: 1978.
- _____. _____. **CMH-PUB 90-21-1**: Tactical and Materiel Innovations. Washington, EUA: 1974.
- _____. _____. **CMH-PUB 90-22**: US Army Engineers. Washington, EUA: 1974.

_____. **FM 700-80**: Logistics. Washington, EUA: 1985.

GREEN, Michael. **Images of War**: Armoured Warfare in The Vietnam War. Reino Unido: Pen & Sword Military, 2014

HAMPTON, Wade. Why study military history?. NCO Journal, 1992. Disponível em: <https://www.armyupress.army.mil/Journals/NCO-Journal/Archives/2018/May/Military-History/>. Acesso em 29 de setembro de 2020.

Macron diz que discutir status internacional da Amazônia é 'questão que se impõe'. **Folha de São Paulo**, 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2019/08/macron-diz-que-discutir-estatuto-internacional-da-amazonia-e-questao-que-se-impoe.shtml>. Acesso em 29 de setembro de 2020.

Tanque leve chinês receberá sistema de proteção ativa. FORTE, 2019. Disponível em: <https://www.forte.jor.br/2019/08/10/tanque-leve-chines-vt-5-recebera-sistema-de-protecao-ativa/>. Acesso em 29 de setembro de 2020.

WAR DEPARTMENT. **FM 31-20**: Jungle Warfare. Washington, EUA: 1945.

_____. **FM 72-20**: Jungle Warfare. Washington, EUA: 1944